

A realização humana plenificante no encontro da revelação intra-humana e da Revelação Divina

LINDBERGH PIRES, S. J.

Now the Technical progress makes the greatest social communication system, realizing not only the presence of the men themselves immediately, but also to many accounts, here or there, near or far; however the incommunicability and solitude of the human ghost is one of the most tragic experiences at that time. It's beyond belief, but the most privileged by the technical means, as the writers, the moving picture technicians, are unfortunately problematized by the men's incommunicability and solitude today. F. Kafka, with his closed castles; J. P. Sartre and his anonymous and radically lonely existences, M. Antonioni with that play-tennis, ending "Blow up", where the ball passes from one to another side, without the players being able to look at themselves, as a word thrown by and to nobody. Mainly, in the cinemas of our metropolis, it's present that final bawl, formless and meaningless, Paulo Pasolini's "Teorema".

The way of victory in such a paradox can be — and that is the subject of this — the acknowledgment of the failure by developping the human communication potential contingent with the men out of the basic meeting, without the meeting with a fontal "YOU", who can and must base the radical meaning in anyone word or worldly meeting and communications.

1. A Aspiração mais profunda do homem: comunicação

A palavra, creio eu, foi e será em todos os tempos o único meio pelo qual tende o homem a revelar de modo mais explícito a sua realidade fundamental mais existencial e mais profunda: sua pessoa. E isto se dá porque a pessoa, no mesmo

movimento que a faz ser, expõe-se. Por isso é por natureza comunicável e até mesmo só ela o é (1).

Esta ação reveladora não se dá de per si dentro das coordenadas de um mundo solitário; ela necessita radicalmente de ter diante de si alguém que expresse também através de sua corporeidade a sua realidade mais profunda. Por esta razão é que clama Nédoncelle: "Não há amor propriamente dito

1) Emanuel Mounier, O Personalismo, Lisboa — 1964 — p. 64.

se não houver o eu e o tu e se o eu não sair em direção do outro...” (2). E sabe-se muito bem que a vida sem amor é impossível de ser vivida, é frustração radical do homem, e assim podemos fazer nosso o pensamento de Mounier: que as pessoas não existem senão para os outros, não se conhecem senão pelos outros, não se encontram senão nos outros (3). Desta forma, a palavra não consiste aqui somente em propor um objeto do pensamento, mas tende à comunicação deste objeto, à comunicação da própria pessoa. E, por ser comunicação, implica vontade de ser ouvido, de ser compreendido, de ser aceito.

Dentro de tal dimensão, tal palavra não pode ser estática, é ação pela qual uma pessoa se dirige e se expressa a outra para uma comunicação (4). É busca de uma presença autêntica. Buscando a pessoa, tal palavra não é destrutiva. Ela é autêntica porque considera a outra pessoa como tendo o mesmo estatuto biológico e ontológico, a outra como outro (5). Assim o dado elementar na comunicação, na comunhão, é o ato pelo qual me afirmo, exprimindo-me.

Na realidade este desejo profundo de comunicação só se realizará através da palavra, ao traduzir uma interioridade, se o homem nela vitalmente estiver presente para dar a possibilidade da descoberta do sentido fundamental do seu ser ao outro. Para isto, não resta dúvida, deve purificar-se do indivíduo que nele está, ex-centrar sua visão,

tornar-se assim disponível e por isso mesmo transparente a si e aos outros (6).

Nesta dimensão, a palavra é meio pelo qual duas interioridades se manifestam uma à outra, para viver em reciprocidade. Nesta dimensão é possível existir a amizade, o amor. Dêste modo o homem alcança sua libertação, e, livre, abre seu ser ao outro e a êle se dá.

A palavra de per si não pode expressar tudo, o ser integral da pessoa; ela culmina na entrega da mesma pessoa mediante o compromisso de toda a vida. Concretamente falando, podemos dizer que a reciprocidade é completa, quando, por sua vez, o amado quer a minha promoção e se volta para mim tomando a minha realização pessoal como fim de sua atividade (7).

2. As dificuldades encontradas na própria realidade

a) Realidade extrínseca

O século vinte tem presenciado constantes mudanças nas condições e modos de vida. O fluxo tem sido das áreas rurais para as urbanas e com isto surgiram conseqüências: problemas de indústrias, saúde, habitação, convívio humano, ajustamento social, etc. Surgiram novos métodos de comércio: produção em massa, pressão de vendedores, propaganda pelo rádio, pela TV.

A velocidade transformou-se assim num elemento essencial à vida humana (8). A ciência e a técnica

2) Maurice Nédoncelle, Para uma filosofia do amor e da pessoa, Lisboa — 1961 — p. 8.

3) E. Mounier, op. cit. p. 63.

4) René Latourelle, Teología de la Revelación, Salamanca — 1967 — p. 404.

5) René Latourelle, op. cit. p. 406.

6) E. Mounier, op. cit. p. 62.

7) Maurice Nédoncelle, op. cit. p. 22.

8) Paul—Eugène Charbonneau, Cristianismo, Sociedade e Revolução — São Paulo — 1967 — p. 24.

foram os responsáveis por este aceleramento da vida. Não resta dúvida que trouxeram benefícios materiais. Contudo o surgir desta nova tecnologia não veio, como se esperava, resolver os graves problemas que sofre a humanidade: fome, miséria, analfabetismo, doenças, enfim não veio a ser meio para que todos os homens tivessem a chance de ser homem. Está simplesmente a serviço daqueles que, economicamente, gozam de privilégios e de poder. Seus efeitos, infelizmente, se fizeram sentir: um individualismo, um egoísmo que viola os direitos humanos; uma máxima que proclama a grandeza e a dignidade da pessoa no fato de "ter mais" do que "ser mais". Portanto é pelo poder econômico que se mede a dignidade da pessoa e com êle se tem acesso a tudo. O dinheiro é o centro de tudo. Desta forma, diz François Sellier: "Na realidade o bem, o mal, encontram na moeda um imenso campo de luta. A troca representa a forma normal da relação pública; se é ao pé do muro que se conhece o pedreiro, é seguramente no seio da troca que se conhece o homem das sociedades econômicas" (9). E não resta dúvida que no seio de uma sociedade onde predomina tal concepção, o que tem importância e detém o poder são os ricos. Por esta razão é que nada caracteriza melhor a idiotice da burguesia atual do que o respeito que se tributa à lógica do milionário.

Num quadro destes, a doação ao outro, na dimensão a que aspira o homem, encontra sério obstáculo

9) François Sellier, *Morale et Vie Économique*, Paris — 1959 — p. 71.

10) Paul—Eugène Charbonneau, *op. cit.* p. 36.

justamente porque esta minoria despreza fundamentalmente a pessoa e instala através das estruturas econômicas uma realização e evolução do homem que só pode realizar-se vivendo vampiricamente do sangue do outro (10).

A justiça mais elementar é espezinhada por um mundo em que a fome de inúmeras multidões é o preço com que se paga a prosperidade de um cantinho do universo e onde a estagnação de povos inteiros assegura aos outros a possibilidade de construir, de produzir e de aperfeiçoar incessantemente a utilização das riquezas naturais.

Desta forma, esta realidade tem levado o homem a ter um tipo de comunicação em termos de cifras, o homem objeto para o outro.

b) Realidade intrínseca

O homem é em si mesmo um paradoxo, é finito na sua estrutura ôntica e está orientado até ao infinito como termo absoluto de sua interna finalidade.

É limitado na potência ativa de seu dinamismo e ilimitado na aspiração íntima que regula este mesmo dinamismo(11). Portanto, a existência humana encerra uma tensão dramática entre uma aspiração ilimitada (expressão de sua espiritualidade) e impotência de realizá-la (expressão de uma finitude criatural). Esta tensão vivente corresponde à antinomia ôntica radical do homem como finito (12).

Dentro deste contexto, é então possível uma comunicação total do homem ao homem? É possível a

11) Juan Alfaro, *Persona y Gracia*, Gregorianum 41 (1960) 6.

12) J. Alfaro, *op. cit.* p. 7.

revelação de uma interioridade e de haver uma reciprocidade que satisfaça ao homem e o realize em plenitude?

No meu parecer, esta comunicação radical é impossível; ela é, no homem, simplesmente "possibilidade de de", é uma aspiração fundamental oriunda da orientação do ser a um termo sem limite. Esta revelação de uma interioridade só é possível quando um ser a revela numa dimensão plenificante de ser, justamente porque a aspiração é total e só a totalidade plenifica.

Realisticamente, contudo, a existência humana é uma existência projeto, ela se apresenta no contexto humano, ou melhor, do cosmo, como uma marcha dinâmica em busca de uma unificação própria, pessoal. Nesta perspectiva concordo com Coreth quando diz: "Mas esta entrega que se transcende a si mesmo somente é possível para o homem enquanto ente espiritual-pessoal, frente a outro que possua na mais elevada e absoluta plenitude a maneira de ser e o valor do pessoal" (13). Esta unificação do seu ser, do seu núcleo pessoal com os elementos que o constituem, é uma tarefa que importa toda uma existência. Portanto, o homem como um ser cuja unificação é uma tarefa a ser realizada, na existência concreta não pode comunicar uma intimidade plenificante porque uma intimidade plena é aquela que é absolutamente unificada. O homem só progressivamente e em certa medida a conquistará. Portanto, realisticamente, o que agora somos não éramos antes, só sucessiva e laboriosamente somos o que somos

e ainda não somos o que deveríamos ser.

Portanto a revelação da intimidade do homem ao homem só relativamente se dá e se realizará numa dimensão crescente somente na medida em que ele realizar a conquista, a libertação profunda do seu ser de todas as formas de estruturas que o tornem objeto para os outros. E para isto, diz Teilhard, ele deve: **Centrar-se**

Ex-centrar-se

Super-centrar-se.

Centrar-se: significa ser senhor de si, conquistar-se, libertar-se dos condicionamentos que impedem a evolução para ser plenamente a si mesmo. Significa ser uno internamente, ter uma personalidade própria. Torna-se assim necessário que, para o homem ser ele mesmo, deve trabalhar toda a sua vida para se organizar, i. e., para trazer mais ordem, mais unidade às suas idéias, sentimentos, conduta. Ser, portanto, é antes de tudo fazer-se, encontrar-se. O homem não centrado é uma célula desorganizada, inapto, sobretudo, para amar.

Ex-centrar-se: é amar a realidade do outro, visa sobretudo a promoção do outro; é marchar para um compromisso de luta não só de defesa do homem, mas sobretudo para que a própria vida esteja também a serviço da promoção e da salvação do homem.

Super-centrar-se: significa colocar o pólo da nossa vida num ser maior que nós: a) estar presente no ser do mundo e das pessoas; b) estar presente no ser de Deus (14).

13) Emerich Coreth S. J., *Metafísica*, Barcelona — 1964 — p. 376.

14) Pierre Teilhard de Chardin, *Réflexions sur le bonheur*, Cahier, Pierre Teilhard de Ch. 1960 n.º 2.

3. Palavra de Deus. Que pretende?

Deus é também um Ser que quis revelar de modo explícito a sua realidade mais fundamental e mais profunda: sua pessoa. Portanto é um Ser que se dirige a um "tu", numa relação interpessoal e vital (15). Porque é interpessoal e vital, esta revelação é comunicação de vida, é diálogo de pessoa, é participação de interioridade.

A palavra de Deus possui uma dimensão que exprime a radicalidade do seu conteúdo, é mensagem de salvação oferecida indistintamente aos homens. Esta mensagem oferecida indistintamente é Ele mesmo e, por sê-lo, sua palavra realiza o que significa, muda a situação da humanidade, da vida. Portanto em si mesma é ativa, é eficaz, é criadora. O fundamento desta eficácia da palavra divina reside no fato de que nela está inserido o seu "Ser" dinâmico. Porque nela está presente o seu "Ser", a palavra de Deus é um verbo de amor. Faz-se Emanuel, Deus conosco. Faz-se presente ao homem. Quer, portanto, revelar-se.

A grandeza dêste amor surge perante os olhos humanos no fato de que Deus, transcendendo infinitamente ao homem, se coloca no nível humano de relação pessoa a pessoa. Faz isto porque, somente assim, é possível uma comunicação de vida que possibilita ao homem, situado nas coordenadas do tempo e do espaço, conhecer a Ele e a dimensão de sua mensagem.

O Verbo encarnado é verdadeiramente homem e verdadeiro Deus. É pessoa que quer comunicar-se ao

homem e para isto usa as palavras humanas, os gestos humanos, os sentimentos humanos. Isto porque, como diz Schillebeeckx: "Nós só podemos conceber plenamente a presença incomensurável de Deus quando ela se "temporaliza" nos nossos limites, quando ela vem e se estabelece junto a nós, assumindo uma fisionomia e falando-nos, quando vem a viver ao nosso lado de modo que possa ser notada como um homem que nunca fôra visto" (16).

O grande segrêdo, o da Trindade, é o segrêdo por excelência da intimidade divina. Ao revelar êste segrêdo, Deus inicia o homem na mais profunda intimidade de sua vida. E só ao homem pode revelar-se no contexto cósmico porque somente êste pode livremente dizer sim ou não a participar na intimidade desta Vida.

Deus, portanto, autodoa-se ao homem. "Tudo o que na comunicação divina era incomunicável, Cristo o expressa com o sacrifício de sua vida. (17). A hora da morte é, assim, a suprema expressão de amor oferecido à humanidade.

4. Plenificação do homem

No que diz respeito ao homem, vimos que encerra em si mesmo um paradoxo. Contudo esta realidade é uma vantagem, porque constitui a abertura do homem a Deus. Por ser **espírito** finito, é capaz do infinito em si mesmo e somente pode alcançar sua perfeição absolutamente última na visão de Deus. Assim a intuição do infinito corresponde no homem, fundamentalmente, à sua mais íntima aspiração.

16) Edward Schillebeeckx, Deus e o Homem, São Paulo — 1969 — p. 18.

17) René Latourelle, op. cit. p. 409.

15. René Latourelle, op. cit. p. 407.

Manifesta-se no homem uma imanência do sobrenatural; o que há de divino no homem, imagem de Deus, é um pressuposto básico de possibilidade de união com Deus. Manifesta-se também uma transcendência, porque espírito finito não chega ao infinito senão como dom de Deus. Portanto, "o espírito enquanto essência atualmente finita, mas virtualmente infinita, não é outra coisa senão a possibilidade, embora livre, da auto-realização, da relação essencial até Deus. Aí reside a transcendência essencial do homem: somente no superar-se a si mesmo, no sair fora de si, na entrega de si ao outro — a Deus —, realiza o homem seu próprio e peculiar "ser êle mesmo" (18).

Esta antinomia só pode ser superada por Deus no livre dom de si mesmo. Aqui manifesta-se a grandeza do homem: só pode alcançar a plenitude, como ser, na união com Deus; e a impotência: só pode alcançar sua plenitude como dom. A plenitude do homem não pode consistir senão nesta união com o infinito pessoal e tal união não é possível senão nesta atitude pessoal de Deus que é livre autodoação de amor. Esta abertura do homem é a um infinito pessoal e numa atitude de autodoação. E tal abertura a um Ser pessoal, numa atitude pessoal, a tem o homem precisamente porque também êle é pessoa, portanto aberto a Deus enquanto pessoa. E isto porque "Nêle nós temos a vida, o movimento e o ser" (19).

Porém não resta dúvida que o homem só pode chegar ao mais alto grau de sua vida na auto-cons-

ciência e auto-posseção da atividade livre, e por isso está chamado a alcançar sua plenitude mediante o exercício de sua liberdade. A expressão suma desta capacidade de auto-determinação tem lugar frente ao convite gratuito amoroso do infinito pessoal. Assim o homem não pode chegar a uma perfeição absolutamente última senão numa união com Deus, como de pessoa a pessoa, i. e, na relação "eu — Tu" de uma mútua auto-determinação de amor livre (20). Dentro desta perspectiva, a revelação pressupõe a pessoa e se refere a ela, torna-se assim um pressuposto da possibilidade da revelação (21). O dinamismo interno do homem está assim orientado para Deus como pessoa a quem se comunica. E isto porque "Deus é precisamente o não-condicionado, presente nos nossos encontros humanos historicamente situados. É o caráter ex-stático da nossa existência: a nossa auto-transcendência" (22).

A palavra de Deus atua no mais íntimo do homem chamando-o a Si, mediante uma atração primária espontânea, que não é atração de um objeto, mas de uma pessoa. É uma inefável conaturalidade de interna simpatia com o Absoluto, como de pessoa a pessoa. Êste é o aspecto da experiência humana, que a palavra de Deus suscita no homem: o contato vivo de uma comunhão pessoal "eu — Tu" com Êle mesmo.

Desta forma a ação interna da palavra divina e sua correspondente experiência pertencem à existência humana concreta: o homem

18) Emerich Coreth, op. cit. p. 376.

19) E. Schillebeeckx, op. cit. p. 15.

20) J. Alfaro, op. cit. p. 12.

21) J. Alfaro, op. cit. p. 17.

22) E. Schillebeeckx, op. cit. p. 101.

histórico se encontra permanentemente numa economia salvífica. Contudo a colaboração psíquica, característica do elemento sobrenatural na existência humana, é eminentemente pessoal: é a chamada do Absoluto pessoal que convida o homem a uma relação pessoal.

Deus, por conseguinte, se apresenta ao homem como aquele que, oferecendo-lhe uma vida, a pode dar em abundância. É também aquele que estará sempre presente na existência do homem fecundando a sua comunicação, para que ela não seja de cifras, mas encontro de pessoas que se comprometem em ordem à salvação integral do mesmo homem.

Desta forma "As relações pessoais do homem com Deus, que o elevam acima de si mesmo e de seus laços com o mundo e que o fazem encontrar o Deus pessoal, dão aos seus comportamentos no mundo uma significação divina: êles se tornam sinais de uma presença que se traduz em reciprocidade e em encontro pessoal" (23). Isto não quer significar que sem Deus os homens não possam se encontrar, se comunicar. Contudo será que êste tipo de encontro realiza, resolve o problema da aspiração de uma comunicação plenificante, que solucione a situação antagônica entre "possibilidade de" e ser efetivamente?

Não creio, porque êste homem, enquanto clama intrinsecamente pelo amor, aparece como egoísta; enquanto clama pela união, aparece como dissociador; enquanto clama pela justiça, aparece comprometido com a injustiça. "Constantemente

introduz o risco e o sofrimento, exatamente quando nos parecia conduzir à paz" (24). Esta dualidade requer do homem uma unidade e somente será conseguida na integração do Deus encarnado na sua vida. Já que realisticamente o ser do homem e os elementos que o constituem não se unificam, só uma "amorização" entre êles poderá unificá-los e isto só poderá surgir quando ambos forem fecundados pelo amor d'Aquêle que se ofereceu a participar de sua vida. Por outra parte esta unificação requer do homem uma atitude fundamentalmente realística, i. e, que apareça para si e para os outros como sendo homem, e nada mais do que isto: fiel ao seu estado material-bio-psíquico — de- vir- a — ser -histórico. Sendo homem, deve ser alguém que necessite "participar de". Esta atitude é fundamental porque como tal demitiza categòricamente a possibilidade do homem ser uma natureza acabada na linha do plenamente ser. Esta abertura possibilita o encontro do homem (ser chamado a superar-se) com Deus e neste encontro é que o homem tem a possibilidade de ser o que fundamentalmente quer ser. Êste encontro é fundamental porque pereniza no homem a atitude de comunicação que significa doar sua vida ao serviço dos seus semelhantes na perspectiva de fazê-los crescer, ser mais. E com muita razão diz Schillebeeckx: "... nas nossas relações pessoais intra-humanas é que nós haurimos o sentido espiritual profundo da nossa existência. Deus é o sentido profundo da nossa existência e nós o atingimos somente nas e pelas relações no interior do

23) E. Schillebeeckx, op. cit. p. 33.

24) E. Mounier, op. cit. p. 60

mundo e em primeiro lugar nas e pelas relações inter-pessoais" (25). Também perenizamos o seu próprio estado de ser-para-o-outro porque, mesmo sendo amado ou odiado, seguido ou perseguido, a sua obra continua porque está fundamentada não no ser do homem mas na vida do Deus escarnado que se compro-

25) E. Schillebeeckx, op. cit. p. 100.

meteu até às últimas conseqüências pelo homem.

Concluindo, somente esta relação do homem com Deus, sem excluir a necessidade imperiosa da relação homem-homem, homem-mundo como lugar do encontro com Deus, pode plenificá-lo, porque Nêle é que o homem encontra a atuação realística do que é apenas nêle potência ativa do seu dinamismo.